

Índio veta *lixo* em sua reserva

A possibilidade de risco para o grupo indígena Atikum, de Pernambuco, cuja reserva, localizada no município de Floresta, encontra-se em área defendida pela Comissão Nacional de Energia Nuclear como um dos pontos de depósito de lixo atômico, levou o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, a mandar ofício ao presidente da CNEN, Rex Nazaré, pedindo a revisão de todos os pontos determinados para abrigar resíduos radioativos próximos às reservas indígenas.

Segundo o presidente da Funai, "se o homem não deseja ter proximidade com o lixo atômico, o índio quer muito menos". "Trata-se de postura preservacionista das comunidades indígenas que a Funai reconhece como válida e apóia na medida da defesa dos interesses dos grupos indígenas nacionais", completou Jucá, recordando que, há cerca de 30 dias, os índios Caiapó estiveram em Brasília para protestar contra o depósito do lixo radiativo de Goiânia na Serra do Cachimbo.

Os índios Atikum somam cerca de 3.500 do total de 220 mil índios que ainda restam no Brasil.

LIXO VERMELHO

Em Salvador (BA), parte



Jucá: postura preservacionista contra o lixo

do lixo vermelho, (resíduos altamente tóxicos) produzido por indústrias do Pólo Petroquímico de Camaçari, há algum tempo não vem sendo depositado na Central de Tratamento de Efluentes Líquidos (Cetrel) que está com toda sua capacidade de armazenamento saturada. A denúncia foi feita por funcionários da própria Cetrel, preocupados com o risco de contaminação pelo lixo que vem sendo acumulado em tonéis guardados a céu aberto nos pátios das próprias empresas.

O lixo vermelho é produzido basicamente pelas fábricas Pronor, Polialdem, Fisibra, Estireno, Emca e Caraíba Metais, esta a única que ainda possui local exclusivo para armazenar seus dejetos industriais.

O diretor-superintendente da Cetrel, Nilson João confirmou que a empresa está trabalhando com menos 30 por cento de sua capacidade de de operação no tratamento dos resíduos, mas negou qualquer risco de contaminação na área.